

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

# Pesquisas sobre eleições no Senado fortalecem Davi Alcolumbre

O atual presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), está com sua reeleição para o comando da Casa praticamente garantida se as urnas confirmarem no domindo, 4, os resultados das últimas pesquisas pesquisas eleitorais sobre os candidatos a senadores.

Projeção feita pelo jornalista Ilimar Franco com base nas últimas pesquisas eleitorais aponta os partidos do centrão como os prováveis grandes vitoriosos . Alcolumbre é o maior representante do centrão no Senado e já está em campanha entre seus pares há muito tempo. Além disso, está praticamente fechando o apoio do Palácio do Planalto e de têm alguns votos entre os bolsonaristas.

O líder do PL, Rogério Marinho (PB), já se anunciou como pré-candidato representando o bolsonarismo. Também a senadora Tereza Cristina (PP-MS) tem aventado a possibilidade de concorrer, mas terá dificuldades. O presidente do PP, senador Ciro Nogueira (PI) está fechado com Alcolumbre. Ele já negou legenda à senadora quando ela acertou com Flávio Bolsonaro para ser candidata a vice-presidente na sua chapa ao Palácio do Planalto. Tereza Cristina teve que desistir.

O levantamento de Ilimar Franco, aponta uma distribuição de senadores pelos parti-

dos, a partir de fevereiro de 2027, assim:

**SEM PARTIDO — 1; CENTRO – 37**, sendo 10 do PP (7 atuais + 3 eleitos), 9 do MDB (8+1), 7 do União (5+2),6 do Republicanos (2+4), 4 do PSD (2+2) e 1 do PSDB (1+0); **DI-REITA BOLSONARISTA – 25**, sendo 22 do PL (13+9), 2 do Podemos (2+0) e 1 do Novo (1+0); **ESQUERDA — 18**, sendo 10 do PT (6+4), 6 do PSB (5+1), 1 do PDT (1+0) e 1 do Psol (1+0);

O jornalista adverte que este quadro não é estático. Afinal, eleições internas no Congresso são antecedidas sempre de negociações que levam os parlamentares a eventualmente mudar seus votos, ou mesmo se abster. Os novatos, em geral, chegam mais indecisos. Também as pesquisas sobre as eleições nos estados podem não bater exatamente com o resultado das urnas. Há lugares com uma disputa muito apertada na eleição dos senadores. “Ou seja: essa é apenas uma projeção”, disse Ilimar Franco.

Davi Alcolumbre já deu mostras ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) de seu poder na Casa e da capacidade de atrair votos para o governo em momentos decisivos.

Mas esse excesso de poder também pode ser um problema. Ele empacou contra a indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). A derrota na indicação tornou-se a maior revés do presidente no seu relacionamento com o Congresso. Não se sabe se Lula já engoliu a humilhação. De qualquer maneira, os dois têm pela frente um último teste: a votação da derrubada da escala 6x1. Lula a vê como um trunfo fundamental para o segundo turno das eleições.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

# Aparecida e o domínio da fé

O caso relacionado a Nossa Senhora Aparecida vai além de promessa — que não foi feita por Flávio Bolsonaro — de cassação do título de Padroeira do Brasil, reflete a preocupação de católicos com o avanço da chamada Teologia do Domínio.

Ao afirmar em agosto que, caso eleito, decretaria a entrega do país ao “Senhor Jesus”, o candidato do PL acionou o gatilho a adoção oficial de uma leitura fundamentalista da Bíblia. Associada a outros fatos, a declaração tornou plausível a fake news sobre a santa.

Baseada em uma leitura enviesada do “Gênesis”, a Teologia do Domínio prega uma dominação absoluta da Terra pelos preceitos da fé, conquista que caberia a evangélicos ultra-conservadores, que se consideram os únicos verdadeiros cristãos.

O processo inclui a conquista de “Sete Montes”: família, religião, educação, governo, mídia, economia e artes/entretenimento. O cientista político Ramon de Oliveira Gomes já identificou elementos da tal teologia em discursos de Michelle Bolsonaro.

A lógida de exclusão é explícita: ao falar do mando que seria concedido ao “Senhor Jesus”, Flávio discriminou os que não têm fé e os que professam outras religiões ou derivações do cristianismo, como os católicos.

Sua fala foi na mesma linha da Constituição iraniana, que estabelece a soberania exclusiva de Deus, seu direito de legislar e a necessidade de submissão aos seus manda-

mentos. Na lógica teocrática do candidato do PL, ateus, mulçumanos, judeus, umbandistas, candomblecistas, católicos — todos os outros — morariam de favor no território nacional.

Protestantes foram muito perseguidos pela Igreja Católica, mas, nas últimas décadas, grupos pentecostais e neopentecostais adotaram uma postura agressiva no mercado da fé: não bastava enaltecer o próprio produto, era preciso atacar e, literalmente, demonizar a concorrência.

As tradicionalmente perseguidas religiões de matriz africana foram as vítimas mais visíveis e óbvias, mas o catolicismo também ficou na mira. Para muitos pastores, manifestações de fé que não correspondiam à sua visão representavam, mais do que uma falsidade, uma glorificação do capeta — este passou a ser identificado em cada terreiro, em cada imagem de santo ou de orixá. Hoje, até traficantes que dizem cristãos proíbem cultos católicos em seus domínios.

Responsáveis pela produção e disseminação de fake news em ritmo industrial, bolsonaristas sabem que notícias fraudulentas precisam de um público desejoso de consumi-las e de alguma plausibilidade — a mentira sobre “kit gay” só prosperou por pegar carona oportunista na pregação da esquerda por aceitação da diversidade sexual.

A história da cassação de Nossa Senhora vingou por ter encontrado terreno fértil na intolerância adubada por muitos anos. Não é fácil minimizar os danos: ontem, na ânsia de diminuir estragos, Flávio cometeu um pecado aos olhos evangélicos mais radicais ao levantar uma pequena representação de Aparecida. Alguns devem ter visto até chifres e tridente naquela fofa bonequinha de crochê.

EDITORIAL

# Simple assinatura não resolve o problema

O fim das apostas de quota fixa no Brasil, anunciado por meio de medida provisória, encerra um ciclo de rápida expansão das chamadas bets e abre outro desafio, menos visível, mas igualmente importante: cuidar das pessoas que desenvolveram comportamento problemático em relação ao jogo. A retirada das plataformas e da publicidade pode reduzir a oferta e a exposição às apostas, mas não apaga, de uma hora para outra, a dependência de quem já está doente.

A decisão vem acompanhada de uma medida que merece atenção do anúncio do Ministério da Saúde de que ampliará a busca ativa por apostadores contumazes, oferecendo acompanhamento e tratamento quando necessário. A estratégia já vinha sendo adotada desde dezembro de 2025 e deverá utilizar informações compartilhadas por órgãos públicos para identificar pessoas com comportamento de jogo problemático.

A iniciativa parte da constatação de que não se combate um vício apenas retirando do alcance o objeto da compulsão. A pessoa que passou a apostar de forma descontrolada pode ter acumulado dívidas, comprometido relações familiares, perdido renda, desenvolvido sofrimento emocional e organizado a própria rotina em função do jogo. Quando a plataforma desaparece, esses problemas permanecem.

Os números ajudam a dimensionar o tamanho da questão. Estudo citado pelo Ministério da Saúde estima em R\$ 38,8 bilhões por ano o custo social associado às apostas no país. Desse total, R\$ 17 bilhões estariam relacionados a custos decorrentes de mortes adicionais por suicídios. O valor representa uma conta além da financeira. Revela a dimensão humana de um problema que alcança famílias, serviços de saúde e sociedade.

Por isso, a busca ativa pode ter um papel importante. Nem toda pessoa que enfrenta dependência reconhece o problema ou procura espontaneamente um serviço de saúde. A própria dificuldade de admitir a perda de controle podem manter o indivíduo afastado do tratamento. Levar a possibilidade de ajuda até essas pessoas significa reconhecer que prevenção e cuidado precisam chegar antes que as consequências se tornem ainda mais graves.

O atendimento também não deve se limitar ao apostador. O Ministério da Saúde prevê o uso do Meu SUS Digital e de teleatendimentos. É uma medida necessária porque o vício em apostas raramente termina na pessoa que faz a aposta.

## OPINIÃO DO LEITOR

### Providências urgente

A falta de segurança está muito sem limites, o governo precisa tomar as devidas providências urgentes.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marcelo@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal